

Mundo aliviado



» JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República,
escritor e imortal da Academia
Brasileira de Letras

tambores e ensaiar as brincadeiras que fazem do nosso São João a festa mais popular da região.

Não se sabe bem como começou, de onde veio, mas sabe-se como foi absorvendo o momento em cada ano e incorporando novos estilos e outras brincadeiras — como são chamadas as diversas apresentações.

Em junho, aparecem os ventos gerais, em que os dias vão se transformando de chuvosos para de Sol aberto, e as noites são só os sotaques dos bois, do Bumba meu Boi, misturando os caboclos de paus de fita, os índios de cabeças de pena, as “catirinas”, os “pais-franciscos” e, por fim, os “bois” de couro, de miçangas, com figuras religiosas bordadas por mãos de fada, como aquela “Neusa”, cantada nas toadas de matraca e de pandeiros gigantes: “Foi Neusa quem bordou”. E os cantadores, heróis do nosso povo, que aqui deixaram até provérbios como este: “Como o Boi de Tolentino, só fama”, quando a decadência chegava, ou com a velhice ou com a perda do prestígio e beleza.

E ainda o Tambor de Crioula, das saias rodadas e das “pungas sensuais”. Tudo isso misturado com os fogos, os busca-pés, as danças, o cucuriá e o trejeito das mulatas.

Na passagem para o século 8, chegaram aqui os açorianos. Que gente era essa com essa vocação inevitável de vaqueiro? Eram os migrantes da Ilha dos Açores, essa gente ainda hoje devota ao gado, ao boi, que enfeitam quando vai morrer. Para onde foram levaram sua cultura, que no Brasil deu várias formas de festa, inclusive o nosso Bumba meu Boi, o Boi de Mamão de Santa Catarina e o Boi Bumbá do Piauí. E o boi foi avançando e criando uma cultura muito particular.

Agora, o Bumba meu Boi do Maranhão foi reconhecido pela Unesco (o maior órgão de cultura das Nações Unidas), em dezembro de 2019, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. A entrega oficial ocorreu em agosto de 2025. Assim, o Maranhão, com justa autoridade, reivindica ser a Pátria Brasileira do Bumba meu Boi.

A verdade é que, em nenhum outro lugar, ele se apresenta com uma riqueza musical — canções, sotaques, fantasias, instrumentos, variedades de apresentação — como a de nosso estado. Até mesmo os cordões que existem em outras partes do nosso país foram levados por maranhenses, conhecedores do auto e do ritmo desse folguedo popular.

Nada mais bonito, nada mais autêntico, tradicional e puro.

No São João do Maranhão está a beleza dos folguedos populares dos nossos antepassados, nessa magia do Bumba meu Boi trazendo conforto à nossa alma.

Entre fogos e festas, brincamos todos. Lembra ainda hoje as noites em que todos nós, Tribuzzi, Bogéa, Evandro, Luís Carlos, Sílvio, Cadmo, Floriano, Figueiredo e eu, passávamos a noite acompanhando, com matracas na mão, o Boi da Maioba.

A alegria das festas de São João devem substituir a tristeza da guerra, como no tempo da Guerra do Canal de Suez, no Egito, em 1956, quando nos bailes de carnaval se colocavam um grande cartaz: “Em Suez, se briga; aqui se brinca”.

Em junho, no mês do Bumba meu Boi, vamos todos dizer:

Faça a alegria, os fogos e as fogueiras das festas; não faça a guerra!

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br



A silenciosa pandemia da mente

Poucas vezes na história moderna uma crise de saúde pública avançou de forma tão rápida, tão abrangente e tão silenciosa quanto a crise global da saúde mental. Não se trata de uma impressão subjetiva. Os números confirmam que algo profundo está acontecendo com a população mundial. Ansiedade, depressão, transtornos de humor, síndromes relacionadas ao estresse, distúrbios do sono e outros problemas psíquicos avançam em praticamente todos os continentes, atingindo crianças, jovens, adultos e idosos. Segundo dados recentes compilados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 1 bilhão de pessoas convivem atualmente com algum transtorno mental. Isso significa que aproximadamente uma em cada sete pessoas no planeta enfrenta algum tipo de problema relacionado à saúde da mente.

Trata-se de uma realidade que desafia governos, sistemas de saúde e especialistas. Também levanta uma questão inevitável: o que aconteceu com a sociedade contemporânea para produzir tamanha expansão dos distúrbios mentais? Durante séculos, doenças infecciosas foram consideradas as grandes ameaças à humanidade. Hoje, embora continuem existindo, observa-se o crescimento acelerado das chamadas doenças da mente. A depressão tornou-se uma das principais causas de incapacidade no mundo. Transtornos de ansiedade avançam em ritmo semelhante. A própria OMS considera a saúde mental uma das maiores prioridades sanitárias do século 21.

Uma revisão sistemática envolvendo mais de 75 mil participantes estimou que aproximadamente 4% da população brasileira utiliza antidepressivos, com prevalência crescente entre mulheres e idosos. O dado talvez pareça pequeno à primeira vista. Não é. Considerando uma população superior a 200 milhões de habitantes, estamos falando de milhões de brasileiros utilizando medicamentos para lidar com sofrimento psíquico. Além disso, os números oficiais normalmente capturam apenas os casos diagnosticados e tratados, deixando de fora uma vasta população que convive com sintomas sem procurar assistência médica.

Nenhuma geração anterior viveu submetida à tamanha quantidade de estímulos informacionais. Redes sociais, notificações permanentes, excesso de telas, comparação social constante e hiperconectividade alteraram profundamente os hábitos humanos. O cérebro, moldado durante milhares de anos para lidar com ambientes relativamente estáveis, passou a receber uma avalanche contínua de informações. Somam-se a isso fatores econômicos. Insegurança profissional, endividamento crescente, encarecimento do custo de vida, dificuldade de acesso à moradia e perspectivas incertas para o futuro criam um ambiente permanente de tensão psicológica. Outro elemento importante está relacionado ao enfraquecimento de estruturas tradicionais de convivência. Famílias menores, relacionamentos mais frágeis, isolamento social crescente e redução dos vínculos comunitários produziram uma sociedade mais conectada digitalmente e, paradoxalmente, mais solitária.

Em várias economias desenvolvidas, médicos e especialistas apontam que muitos quadros de sofrimento emocional refletem não apenas problemas individuais, mas condições sociais deterioradas, marcadas por estresse crônico, jornadas de trabalho desgastantes e insegurança cotidiana. Outro aspecto relevante envolve a própria evolução dos diagnósticos. Estudos internacionais apontam aumentos expressivos especialmente em casos de ansiedade e depressão.

Nesse contexto, surge outro fenômeno digno de reflexão: a explosão do mercado farmacêutico ligado à saúde mental. Antidepressivos, ansiolíticos, estabilizadores de humor e medicamentos para transtornos do sono movimentam bilhões de dólares todos os anos. Em muitos países, o consumo desses produtos alcançou níveis sem precedentes. Pesquisas internacionais, como a realizada pela OCDE — *Health at a Glance* (Um olhar sobre a saúde) —, mostram que antidepressivos figuram entre os medicamentos mais prescritos do mundo. Para milhões de pessoas, representam tratamento fundamental e, muitas vezes, salvador. O problema surge quando toda uma questão social complexa passa a ser tratada exclusivamente sob uma perspectiva farmacológica. Nenhum comprimido é capaz de substituir relações humanas saudáveis. Nenhum medicamento elimina sozinho os efeitos da solidão, da insegurança econômica ou da fragmentação social.

Também merece atenção a situação das novas gerações. Crianças e adolescentes cresceram em um ambiente radicalmente diferente daquele conhecido por seus pais e avós. Exposição precoce às redes sociais, redução das interações presenciais, pressão por desempenho e excesso de estímulos digitais criam desafios inéditos para o desenvolvimento emocional. Tudo indica que a humanidade entrou em uma nova fase de sua história. Durante muito tempo, o principal desafio foi vencer doenças que atacavam o corpo. Agora surge um desafio igualmente complexo: preservar a saúde da mente em um mundo cada vez mais acelerado, competitivo e tecnologicamente invasivo. Nenhuma sociedade pode considerar normal que centenas de milhões de pessoas convivam permanentemente com ansiedade, depressão ou sofrimento emocional incapacitante. Talvez a grande pergunta do nosso tempo seja: quanto custa a sua paz?

A frase que foi pronunciada:

“Deprimido com o aquecimento global? Nem tanto quanto os ursos bipolares.”

Mídias sociais

História de Brasília

Quase se consumava um dos maiores atentados da história terrorista da humanidade. Um oficial reformado da FAB, celebre pelo furto de avião à guisa de revolução, confessou haver colocado uma bomba relógio na Exposição russa, que, se explodisse, seria catástrofe maior que a do circo de Niterói. (Publicada em 22/5/1962)

Brasília e a ciência que ainda espera por uma casa



» FERNANDO OLIVEIRA PAULINO
Professor da UnB e presidente da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (Alaic)

idealizadores da Universidade de Brasília (UnB), especialmente Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, compreendiam que a construção da nova capital deveria estar acompanhada da criação de instituições capazes de democratizar o conhecimento e ampliar o acesso da população à cultura científica.

Ao longo das décadas, essa visão inspirou projetos, estudos, concursos, decretos e anúncios oficiais. Houve propostas arquitetônicas, definições de áreas para implantação e sucessivas promessas de construção. Entretanto, passados mais de 60 anos da inauguração da cidade, o museu continua existindo apenas nos documentos e nas intenções.

Enquanto isso, cidades de diferentes portes e contextos investiram em museus de ciência como espaços estratégicos para a formação cidadã. Esses equipamentos não são apenas locais de exposição de objetos ou experimentos. São ambientes de descoberta, curiosidade, aprendizagem e diálogo entre ciência e sociedade. São lugares onde crianças podem ter seu primeiro contato com a pesquisa científica, onde jovens encontram inspiração para seguir carreiras nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática, e onde adultos podem compreender melhor os desafios contemporâneos relacionados à saúde, ao meio ambiente, à inteligência artificial, à energia ou às mudanças climáticas.

Em uma época marcada pela circulação acelerada de desinformação, pela proliferação de teorias conspiratórias e pela crescente complexidade dos problemas públicos, a cultura científica tornou-se um elemento fundamental para a própria democracia. Museus de ciência ajudam a desenvolver o pensamento crítico, a valorização das evidências e a capacidade de compreender como o conhecimento científico é produzido.

Brasília tem condições excepcionais para sediar um equipamento dessa natureza. Além da

UnB, a cidade abriga instituições como a Embrapa, a Fiocruz Brasília, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Instituto Nacional de Meteorologia, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, além de ministérios, fundações e agências que produzem ou financiam conhecimento científico em escala nacional.

Um Museu Público de Ciência e Tecnologia poderia funcionar como ponto de encontro entre essas instituições e a população. Poderia integrar exposições permanentes e temporárias, laboratórios interativos, observatórios, atividades para escolas, festivais científicos, programas de formação de professores e ações de divulgação científica voltadas para diferentes públicos. Poderia, inclusive, tornar-se um importante atrativo turístico e educacional para visitantes de todo o país.

Mais do que uma obra de infraestrutura, trata-se de um investimento estratégico em educação, cultura e desenvolvimento. Trata-se de oferecer à população do Distrito Federal um espaço público capaz de traduzir a produção científica em experiências acessíveis, inspiradoras e transformadoras.

O ato convocado pela SBPC-DF tem justamente esse significado. Não se trata apenas de reivindicar um edifício. Trata-se de defender uma visão de cidade que reconhece o conhecimento como patrimônio coletivo. Trata-se de afirmar que a capital da República precisa também ser a capital da cultura científica.

Brasília foi concebida para simbolizar o futuro do país. Talvez tenha chegado a hora de concluir uma das promessas que permanecem inacabadas desde sua fundação. Construir o Museu Público de Ciência e Tecnologia não é apenas realizar um antigo projeto. É criar um legado para as próximas gerações e garantir que a ciência brasileira tenha, finalmente, um endereço público à altura da capital que representa a nação.

» GILBERTO LACERDA

Professor da UnB e secretário regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência no Distrito Federal (SBPC-DF)

No próximo sábado, 20 de junho, às 11h, um grupo de pesquisadores, professores, estudantes e cidadãos ocupará simbolicamente um espaço já reservado na paisagem da capital: a área localizada entre o Planetário de Brasília e a Funarte, no Eixo Monumental. A mobilização, organizada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência no Distrito Federal (SBPC-DF), pretende chamar a atenção para uma pergunta tão simples quanto desconcertante: o que falta para Brasília finalmente construir seu Museu Público de Ciência e Tecnologia?

A pergunta é especialmente pertinente porque Brasília talvez seja a única grande capital do mundo que reúne tamanha concentração de universidades, centros de pesquisa, agências governamentais, organismos internacionais e instituições científicas sem possuir um museu público de ciência e tecnologia à altura de sua importância política, educacional e cultural.

A ausência desse equipamento torna-se ainda mais contraditória quando lembramos que a própria ideia de Brasília esteve associada à educação, à ciência e à inovação desde sua origem. Os

Maurenilson/CB